



os lugares comuns

DIVERTIMENTO

SOBRE A FESTA BARROCA

E' mais fácil pegar um miura pela língua do que escrever um soneto sobre as virtudes de touro despontado. Também é mais fácil entrar o picador no Reino dos Céus (mesmo ensanguentado e com todos os assobios da praça a persegui-lo) do que descobrir um (bom) poema em louvor da «arte de Marialva»...

DIANTE de uma arena onde o cavaleiro desenvolve uma longa exibição de cortezias o que impressiona é o sentido abstracto e as contradições do espectáculo. Aí temos um fidalgo de tricórnio, crista no ar, todo ele plumas e ancien

régime. Está no seu pulcreiro, canta de galo, desafiando o touro. E Carlos Queirós, poeta, comenta:

**Como é triste o cavaleiro
No seu barroco trajar...**

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

Mas o touro tem os cornos cortados e a farda é anacrónica, importada dos esquecidos figurinos

(Continua na 12.^a pág.)

LUGARES COMUNS

espaventosa. Se formos a ver, não requer a inteligência de um **traje de lúces** (todo ele funcional como um **maillot** de bailarino) nem da simplicidade e justeza do vestuário dos forcados, que necessitam de movimentos livres e elásticos no seu confronto com o touro. Os terrenos são outros, os equipamentos também. Mas quanto mais perto da morte, mais austeridade de presença. Mais certeza de gestos.

A ausência deste sinal — austeridade — põe em dúvida a substância trágica de qualquer jogo entre o homem e a besta. No caso do toureio à portuguesa a lide perde densidade, abafada pelo aparato da evocação «histórica», comprometendo-se com o cortejo comemorativo ou reduzindo-se a um esque-

ma de variações galantes em torno do tema taurino. Deste modo, o passado sobrepõe-se ao presente imediato — o combate, o touro — e a imagem que prevalece é a dos grandes senhores que, noutras eras, se faziam espectáculo no alto das montadas enquanto os servos, a pé, lhes traziam o adversário ao castigo. (Verificação a anotar: o saudosismo psicológico dos mestres da arte de Marialva exhibe na praça pública uma certa hierarquia patriarcal de valores que é aquela que os legisladores setecentistas da ordem doméstica defendiam nos seus escritos. Os argumentos abstractos que reivindica — raça, bravura, entronização do amo, primado do campo sobre a cidade — fazem parte da mitologia do cavaleiro e são expostos na arena por diversos por-

menores do ritual da festa. Os mesmos argumentos, afinal, que noutro plano são proclamados pelo saudosismo filosófico...)

SIMPLESMENTE, a Tauromaquia, como Arte maior, começa com o apear do suserano. São os moços a pé, os Costillares, os Belmont, os Joselito, que, discutindo a morte ao plano do touro e em terrenos de risco total, se elevam então às grandes alturas da consagração e são eles que emancipam a Festa e a dignificam. Construtores de uma nova dimensão da coragem, inventaram as suas regras contra o medo; superaram o instinto, morrendo e nascendo a cada minuto da verdade. E neles tudo é, tudo tem de ser, atenção, eficácia controlada, sobriedade. Rigor.

Alguns (Pepe Hillo, por exemplo, Paquiro, Domingo Ortega) deixaram em bom castelhano os seus códigos de tourear, a sua doutrina de experiência. Outros de mão menos letuada não se confinaram à geografia dos curros e dos **mentideros** mas, pelo contrário, enriqueceram a sua trajectória de camponeses triunfadores em terrenos de outra ambição e, assim, conviveram com Valle Inclan e com Picasso, com Lorca e Ortega y Gasset, com Hemingway e Buñuel. E junto deles tinham também uma verdade própria a contar, porque a arte que praticavam debatia um problema humano suficientemente universal e profundo para apaixonar a Arte e a Literatura de muitas gerações.

Quando me salta à memória a figura (segundo Alberti) de Don Fernando Villalon, conde e **ganadero**-poeta; quando releio Lorca comemorando Inácio Sanchez Mejias; e percorro Quevedo, Gongora, Rilke (e Doré e Bizet) nas antologias tauromáquicas; e vejo num arevista que o mais rude dos matadores, El Cordobés, responde que o herói militar que mais admira é «o tal que ganhou a batalha já morto e em cima do cavalo», quando assim é, não há dúvida: compreendo como a matéria humana, mesmo a mais elementar e de mais pobre passado, tem de ser sensível e pujante de generosidade para triunfar numa arte difícil. E como